

Se essa rua fosse minha: A rua como palco para a modernidade citricultora em Nova Iguassú (1920/1940).

Ana Carolina Silva de Brito¹; Joice Alves Sousa² &
Lúcia Helena Pereira da Silva³

1. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, Discente do Curso de História, IM/UFRJ; 2. Bolsista FAPERJ, Discente do Curso de História, IM/UFRJ; 3. Professor do DHE/IM/UFRRJ.

Palavras-chave: Baixada Fluminense; História Urbana; Nova Iguassú.

Introdução

Este trabalho se insere em um projeto mais amplo intitulado de “Baixada para os de baixo: aspectos do planejamento urbano na região metropolitana do Rio de Janeiro 1930/2000”; que tem por objetivo, a partir da leitura do processo histórico de urbanização analisar a atuação do Estado em suas múltiplas esferas (municipal, estadual e federal) em uma parte do território denominado, de uma forma geral, de Baixada Fluminense, e mais especificamente no município de Nova Iguaçu.

Aqui especificamente buscar-se refletir sobre a estrutura urbana da cidade de Nova Iguassú¹ na década de 1930, privilegiando a relação estabelecida entre a dinâmica da citricultura e a constituição da materialidade urbana do distrito sede. Desta forma elege-se como palco para essa estudar essa dinâmica **a rua**, ou mais precisamente a Avenida Marechal Floriano Peixoto, esta era a principal via da cidade no período de 1920 a 1940, período também de desenvolvimento, ápice e declínio da citricultura na região. A rua será o espaço de materialização da modernidade de Iguassú, pois será a vitrine onde a sociedade citricultora projetou a sua imagem, a imagem da “*Califórnia do Brasil*” (CARVALHO, 1999).

Metodologia

Elegem-se como fonte para este trabalho três livros, levantados durante as visitas à Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, são eles: “**O que restou dos Laranjais em Flor**” escrito por Deoclécio Dias Machado Filho. Trata-se de uma obra das memórias iguaçuanas do tempo dos laranjais – o ciclo citricultor iniciou na década de 1920 e durou até 1940 em Iguassú. O livro remonta a dinâmica da sociedade no período aqui estudado, assim possibilita entender o dia a dia destas pessoas, dos iguassuanos, e como estes agiam dentro daquilo que genericamente denominou-se de urbanidade do município; “**Laranjas Brasileiras**” escrito por Iracema Baroni de Carvalho, é outra obra que aborda as memórias do ciclo citricultor, escrito pela filha de Francisco Baroni, um dos maiores produtores e exportador de laranjas em Iguassú, logo uma figura influente nesta sociedade; “**4X Nova Iguaçu**” Exposição de reabertura do complexo cultural Nova Iguaçu Casa de Cultura Ney Alberto, este livro trata de uma coleção de fotos da exposição da reabertura da Casa de Cultura Ney Alberto, traz em seu conteúdo a uma seleção da Coleção Arruda Negreiro, este o maior é um conjunto de fotos da cidade de Nova Iguaçu da década de 1930, onde Arruda Negreiro era o então prefeito do município. *Entre a simples foto e aquele que a vê, existe um mundo de intenções incógnito e pronto para ser desvendado. (...) Importante lembrar sempre que a foto é uma representação de uma realidade* (CRIVELLO, 2012: p.6). Estas fotos se tornam importante para este trabalho, pois ilustram como a sociedade estava se projetando na cidade, permite assim identificar a experiência de modernidade – a imagem da sociedade citricultora – e como a fotografia pode ser interpretada como um mecanismo de manter viva a memória citricultura, porque estas imagens tornam-se fontes para ler a cidade e assim remontar sua história.

Resultados e Discussão

¹ Será utilizada a grafia Nova Iguassú, pois ela carrega a identidade de um tempo e de uma cidade que não existe mais: a Nova Iguassú.

O primeiro passo para se alcançar resultados é a articulação do referencial bibliográfico com as fontes desta forma se faz essencial compreender Nova Iguassú para além de território geográfico, sendo este espaço entendido como socialmente construído e para isto precisa-se entender as dinâmicas econômicas, populacionais, sociais e políticas que configuram este território, articulado a produção da historiografia seja acadêmica ou memorialista do período do desenvolvimento da citricultura (DIAS, 2012). O centro da cidade de Nova Iguassú do auge citricultor *nada mais foi que duas longas ruas, uma de cada lado da estrada de ferro, e nelas se alinhavam residências e estabelecimentos comerciais, sendo estes, assim como a praça, o cinema, a Prefeitura e a Matriz, se situavam nas proximidades da estação*” (SOARES, 1962, p.212), uma dessas duas longas ruas foi a Avenida Marechal Floriano Peixoto – era uma rua até a década de 30, e devido a sua importância como principal via de acesso à cidade, passou a ser avenida – que segundo Iracema Baroni era onde estavam situados os símbolos da cidade eram eles: o Café e Bilhares Elite, o Bar Brasil e o primeiro *parcking house* – este era um galpão construído para armazenar e empacotar a produção de laranja – da cidade.

O termo símbolo neste trabalho, a rua, é lida a partir do conceito de Berman do modernismo do subdesenvolvimento, para pensar uma modernidade de periferia. Em sua obra, o autor trabalha a rua como palco de manifestação da modernidade, esta pode ocorrer através da articulação da vida cotidiana com a estrutura urbana onde os símbolos construídos são a materialização desta relação, a partir de um padrão de vida que a sociedade iguassuana estava defendendo, segundo Iracema Baroni que viveu este período, as laranjas iguaçuanas proporcionaram esse *novo tempo que realçou com singular nobreza: a família, a honra, o labor, a tradição, a paz, a fé, a bondade e a educação* (BARONI, 1999: p.23) e desta forma a sociedade citricultora transformou a cidade de Nova Iguassú a imagem de seu projeto de modernidade, com praças, cinema e a própria constituição da Avenida Marechal Floriano Peixoto sendo paralela a estação de trem. Neste caso, o trem representando também instrumento de modernização, não só pelo escoamento da produção de laranja, mas por levar e trazer as principais notícias até a cidade, a sociedade estava criando mecanismos de propaganda da sua imagem, e foi na estrutura urbana, principalmente naquela rua que toda essa modernidade foi expressa, com os recursos da produção de cítrico e pela veiculação de um padrão de vida que estava sendo posto como o almejado.

Conclusão

Este trabalho mostra uma pequena parcela das intervenções na construção de um espaço urbano da Baixada Fluminense, e se pode identificar pela articulação do referencial bibliográfico com as fontes um desejo de Modernidade de Iguassú, aquele desenvolvido a partir dos valores dos citricultores. Deoclécio Filho (1970) diz que: *(...) produzir, por conseguinte, não é permanecer isolado numa ilha perdida em meio a um oceano à espera desse milagroso veículo de transporte - o livro ou jornal – mas viver qual o navio ou uma nau de velas pândas – a conduzir nossas ideias próprias*. E ao levantar e pesquisar documentos, bibliografias acerca da baixada fluminense se torna possível compreender diversas histórias que por muito tempo caíram no esquecimento, mas que ainda hoje mantêm um suporte material, a começar pela própria rua, coube a este trabalho lembrar que há uma memória viva da modernidade construída na terra dos laranjais, Nova Iguassú era uma cidade rural que respirava o perfume das laranjas, mas que se colocava como moderna em seu modo de viver.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Iracema Baroni de. **Laranjas Brasileiras**. Nova Iguaçu, 1999.
- CRIVELLO, Natalia Azevedo. **A modernidade iguaçuana na década de 1930: representações fotográficas**. São Gonçalo: Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, 2012.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.
- DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Niterói: UFF, 2012. (tese de doutorado em educação)
- FILHO, Deoclécio D. Machado. **O que restou dos laranjais em flor: Um livro de memórias bem iguaçuanas**. Rio de Janeiro: Gráfica Castro LTDA, 1970.
- SOARES, Maria Theresinha Segadas. **Nova Iguaçu: Absorção de uma célula pelo grande Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Geografia, Abril - Junho 1962.